

1 Apresentação

Nos interrogatórios a que fui submetido, quando me coube falar sobre o ISEB, notei a estranheza dos interrogantes a respeito da extensão das atividades didáticas daquela instituição. Pareceu-lhes espantoso que um Instituto de Estudos Superiores se preocupasse em ensinar a trabalhadores e estudantes, levando, além de tudo, esse ensino fora de suas salas. Ora, esse foi, sem a menor dúvida, um dos méritos do ISEB. Jamais nos encastelamos e isolamos, jamais recusamos levar o nosso ensino onde fosse solicitado. Isso, que pareceu a alguns até mesmo quebra da alta dignidade da cátedra pós-universitária, e a encarregados de IPM¹ parecendo mesmo uma atividade conspirativa, uma atividade subversiva, era o deliberado rompimento com o timbre, o traço, a atitude e a atividade aristocrática que a Universidade conserva ainda no Brasil e que tanto contribui para distanciá-la da realidade. São, na verdade, poucos os conhecimentos científicos que não podem, pelo seu elevado grau de abstração, ser colocados ao alcance da generalidade dos homens. Num país como o nosso, em que só os privilegiados conseguem aprender é dever de cada um difundir o que aprendeu. E esse dever torna-se imperioso quando se trata de professores. Assim, fizemos algumas conferências externas (...) e o Departamento de História ministrou um curso de seis aulas no Sindicato dos Metalúrgicos, experiência importantíssima para nós, quando púnhamos à prova a nossa capacidade para colocar os conhecimentos ao alcance de centenas de brasileiros que a estrutura social impedira de ingressar na Universidade. As respostas aos questionários que distribuímos foram altamente confortadoras, levando-nos a cogitar seriamente da comparação entre os que pouco ou nada sabem e aqueles que possuem um a meio-saber que os torna suficientes e blindados à pesquisa e à dúvida. (Sodré, 1993; p. 73-74; grifos meus)

¹ IPM – sigla de Inquérito Policial Militar, procedimento de cunho investigativo utilizado pelo governo militar instaurado a partir de 1964.

A opção de iniciar a apresentação dessa pesquisa com essa fala do Professor Nelson Werneck Sodré, um dos “isebianos históricos”², é carregada de significações; a começar pela percepção do papel do ISEB – Instituto Superior de Estudos Brasileiros que, a despeito de todas as contradições existentes em seus ideários e em suas práticas (e que não são poucas), é uma instituição singular pelo conjunto de suas reflexões. Estudar o ISEB me possibilitou entrar em contato com um pensamento que se diferencia das abordagens de seu tempo por ter enfrentado, num determinado contexto da realidade brasileira, o desafio de pensar e institucionalizar, de uma maneira inédita e diferente, questões relacionadas com o estatuto da construção do conhecimento; possibilitou-me também perceber que, articulado ao desenvolvimento desse pensamento, os intelectuais isebianos optam por operacionalizar uma estratégia de inserção política e social dessas reflexões que resulta num projeto de desenvolvimento do Brasil, empreendimento que, por inúmeras razões, não foi bem sucedido.

Me identifico significativamente com essa fala de Sodré. Ela expressa os principais motivos que me fizeram estudar o ISEB de maneira tão sistemática; ela expressa o vigor e a coragem de um grupo de intelectuais que se singularizaram ao aprofundar preocupações, extremamente atuais e insuficientemente trabalhadas, relacionadas com o universo da educação no Brasil, envolvendo: o estatuto do conhecimento das ciências sociais e humanas, o papel da Universidade e o papel dos professores, em contextos altamente contraditórios como o nosso. Nesse sentido, estudar o ISEB, me permitiu compreender e significar reflexões educativas como essas, inoportunamente desconhecidas e inexploradas pelas novas gerações de educadores – o que evidencia portanto a necessidade e a função do entendimento histórico.

Mas toda investigação científica envolve um conjunto de escolhas importantes de serem explicitadas. E para uma pesquisadora que concentra seus esforços numa abordagem que articula história e educação, nada mais relevante do que o registro da história dessas escolhas, a começar pela escolha do tema, o registro dos principais objetivos a serem alcançados, a definição das metodologias assumidas, as hipóteses que direcionaram a construção do conhecimento para

² “Isebianos históricos” é como são chamados os integrantes do grupo que estava no ISEB desde sua criação: Hélio Jaguaribe; Candido Mendes; Álvaro Vieira Pinto; Alberto Guerreiro Ramos; Roland Corbisier; e Nelson Werneck Sodré.

finalmente a apresentação de algumas considerações finais. Esse contar exige do pesquisador uma atenta sistematização do trabalho, a materialização e apresentação do processo de construção de um conhecimento que passa a ter uma existência. Contar a história dessa investigação será o objetivo dessa apresentação.

Foi participando da pesquisa intitulada “A Formação dos Mestres: a contribuição de Anísio Teixeira para a institucionalização da Pós-Graduação no Brasil”³, cujo objetivo geral era estudar a contribuição desse educador no referido processo ao longo do período que vai de 1951 a 1964, que comecei a entrar em contato com o contexto político que marcou o período dos anos 50 / 60 no Brasil. Ao longo do encaminhamento do trabalho, me deparei com o ISEB – Instituto Superior de Estudos Brasileiros, e dessa descoberta acabou surgindo a motivação de estudar essa instituição que, além de marcar de maneira contraditória e singular a realidade brasileira nos anos 50/60, a meu ver deixa um significativo legado ao pensamento educacional brasileiro – uma das hipóteses inicialmente assumidas e que, ao final do trabalho, entendo como confirmada.

Num documento de 1963, o ISEB é descrito como uma instituição criada em 14 de julho de 1955, pelo decreto no. 37.608 e inaugurado em 7 de outubro do mesmo ano,

cuja finalidade é o estudo, o ensino e a divulgação das ciências sociais, notadamente da Sociologia, da História, da Economia e da Política, especialmente para o fim de aplicar as categorias e os dados dessas ciências à análise e à compreensão crítica da realidade brasileira, visando a elaboração de instrumentos teóricos que permitam o incentivo e a promoção do desenvolvimento nacional. (Relatório do ISEB, s/d; p. 1).

Criado em pleno governo provisório do Presidente Café Filho, o ISEB era constituído por um grupo de intelectuais liderados pelo Prof. Hélio Jaguaribe (Filosofia e Ciência Política), além dos professores Álvaro Vieira Pinto (Filosofia), Cândido Mendes (História), Alberto Guerreiro Ramos (Sociologia), Nelson Werneck Sodré (História) e Roland Corbisier (Filosofia).

Mas o desenvolvimento de um estudo sobre o ISEB exigia inicialmente uma clara definição do que eu iria olhar nessa instituição e posteriormente de

³ Pesquisa vinculada ao Departamento de Educação da PUC-RIO, desenvolvida no período de 1998-2000, da qual participei com bolsa de apoio técnico da FAPERJ, sob a coordenação da Profa. Ana Waleska Pollo Campos Mendonça.

como exatamente eu iria desenvolver e encaminhar essa investigação. Após algumas leituras sobre o ISEB envolvendo seus membros e suas produções intelectuais, me debrucei sobre os trabalhos já produzidos que se caracterizam por um entendimento centrado nas dimensões filosóficas (Toledo) e políticas (Abreu) do instituto; foi então que, como pesquisadora atuante na área da história da educação, assumi o desafio de desenvolver uma compreensão centrada em “nebulosas” dimensões educativas presentes no pensamento do grupo isebiano, ou, o que ficou mais esclarecido posteriormente, presentes no projeto de atuação (política) desse grupo de intelectuais. Tratava-se então de dar início a uma busca sistematizada das fontes históricas relacionadas, direta e/ou indiretamente, com o pensamento e as práticas educativas presentes no instituto. E parte dessa busca deu-se através de uma extensa revisão bibliográfica, que me possibilitou ter acesso ao conhecimento das pesquisas desenvolvidas sobre o ISEB e suas distintas abordagens; ao contato com as diferentes metodologias utilizadas em cada uma dessas investigações; e também à relação das fontes históricas existentes para a elaboração da pesquisa. O fato é que a revisão bibliográfica acabou confirmando uma desconfiança – no momento de sua extinção, em abril de 1964, todo o material existente nas instalações do ISEB havia sido confiscado pelo governo militar como material subversivo e portanto não disponível para consulta. Essa impossibilidade de ter acesso às fontes primárias me obrigou a pensar em outras estratégias metodológicas que pudessem viabilizar o trabalho. A solução vislumbrada foi então a de trabalhar com as produções intelectuais, um amplo conjunto de obras editadas pelo MEC e publicadas pelo instituto, expressão de uma clara política de divulgação do ideário isebiano. O desafio passou a ser como trabalhar os conteúdos dos textos, uma interpretação apoiada em determinados critérios de análise que passo a comentar.

Parto do pressuposto de que a necessidade de apropriação e maturação de uma abordagem metodológica é um processo que se insere na longa trajetória de formação de um pesquisador.

Fazer ciências humanas sem refletir sobre as condições do investigador, sobre as perspectivas em que trabalha, sobre a própria problemática dessas ciências, é arriscarmos-nos a cair no positivismo e a tomar como *a* verdade o que não passa do aspecto parcial de *uma* verdade, é fazer um trabalho que só pode ter valor científico na medida em que se esteja consciente dessa situação, em que se possa levantar o

problema da sua limitação e da sua superação. (...) Se queremos fazer ciência positiva, em matéria de ciências humanas somos obrigados a ser filósofos, quer dizer, a refletir sobre o estatuto do conhecimento e sobre o seu lugar na elaboração das verdades. (Goldman, 1972; p. 128; grifos sublinhados meus)

Defendo a necessária reflexão sobre o estatuto do conhecimento e seu lugar na construção da verdade como princípio metodológico, aspecto amplamente cotejado pelo método materialista histórico e dialético. Trabalhar com o materialismo histórico se apóia em alguns aportes: 1) materialismo histórico é o materialismo das relações sociais; a própria lógica do processo histórico está submetida ao processo histórico; o universal é histórico; “dar sentido” (conhecimento) é um ato social; olha-se o passado com o olhar do presente – o estatuto do passado é determinado e sujeito a constantes “resignificações”; 2) o real é dado pelas relações sociais; a maneira de conhecer e de gerar conhecimento opera via conceito; 3) o ser social determina a consciência; o pesquisador trabalha com a estrutura da vida social do homem.

Nesse sentido, o ISEB foi pensado dentro dos diferentes níveis de sua totalidade: o todo da instituição x as individualidades parciais que o integravam; o contexto da realidade brasileira x a especificidade e o significado de uma instituição como o ISEB; o amplo projeto ideológico do desenvolvimento concebido pelo ISEB x a especificidade da corrente estruturalista-culturalista e sua questionável apropriação. Paralelamente, por entender que o universal é histórico, busquei a compreensão e o entendimento da realidade isebiana num movimento de desestruturação e posterior estruturação significativa de dados, informações, conceitos, reflexões, aportes, etc. expressos pela instituição como um todo e pelos seus membros especificamente. Exemplo disso é que a identificação dos princípios envolvidos numa “educação ideológica”⁴, resultou de um trabalho analítico apoiado nos aportes da corrente existencialista-culturalista e nas distintas apropriações encaminhadas por cada um dos isebianos no conjunto do grupo.

⁴ Termo cunhado por Hélio Jaguaribe que, no meu entender, expressa a síntese do pensamento educacional isebiano.

Mas vale assinalar que a presença dos princípios metodológicos (totalidade, pensamento dialético e historicidade) assume diferentes abordagens no tratamento das temáticas exploradas. Exemplo disso é o uso da perspectiva metodológica de Lucien Goldman nos estudos relacionados à interpretação e análise dos conteúdos da produção intelectual do ISEB; suas categorias de “visão de mundo” e “estruturas significativas” direcionaram estratégias metodológicas utilizadas nas produções autorais do ISEB e no trabalho de Paiva. Outros aportes de referencial teórico também vão aparecer no tratamento dado às temáticas específicas, destacando-se: o significado, o papel e a função do intelectual; o papel da intelligentsia; o papel do Estado em sociedades em transição; o Estado brasileiro; o papel do desenvolvimento nacional; o significado da ideologia; o sentido e a apropriação feita das correntes existencialista e culturalista, etc. Grande parte do referencial teórico assumido para o entendimento desses temas se apoiaram nos estudos da sociologia do conhecimento, desenvolvida por Michael Löwy (envolvendo Marx, Mannheim, Luckács e Goldman), acrescida dos aportes analíticos de autores como Gramsci e Bobbio.

Complementando, vale assinalar que a vivência de uma bolsa-sanduíche, propiciada pela CAPES, durante 11 meses na França, incrementou significativamente minhas preocupações em relação ao estatuto do conhecimento e questões metodológicas, me possibilitando aprofundar as perspectivas marxistas presentes nas abordagens históricas de Pierre Vilar e nas já citadas, perspectivas metodológicas de Lucien Goldman e Michael Löwy.

Após explicitar os encaminhamentos metodológicos utilizados, passo então a apresentar a estrutura final do trabalho investigativo, cujo objetivo é o de identificar e compreender o sentido das dimensões educativas e pedagógicas presentes no pensamento e nas práticas do ISEB. Esclareço que ao longo do trabalho, o conjunto das preocupações isebianas passíveis de serem consideradas como o ideário educativo do ISEB serão geralmente abordadas sob a denominação de uma “educação e organização ideológica”, termo cunhado por um isebiano - Hélio Jaguaribe - em seu texto “Condições Institucionais do Desenvolvimento” de 1958, analisado no capítulo 4.

A presente tese está estruturada em 5 capítulos. O Capítulo 1 apresenta ao leitor, de forma introdutória, o conjunto do trabalho de pesquisa. Começo explicitando a escolha dos aportes teórico-metodológicos e o posterior

encaminhamento dinâmico dessas apropriações; a partir das explicitações metodológicas de base, passei a investir na aplicação concreta desses aportes nas análises sobre a dimensão empírica. Nesse sentido, entendo que a dimensão teórico metodológica não existe sem a dimensão analítica da empiria; no momento em que ambas se conjugam, elas se iluminam mutuamente e se potencializam, viabilizando um entendimento novo da realidade. Num segundo momento desenvolvo uma reconstrução do objeto de estudo escolhido – o ISEB, descrevendo-o e situando-o historicamente, para em seguida explicitar, através de outros apontamentos, tanto o olhar através do qual a investigação se encaminhou (a despeito do ISEB ser percebido em sua totalidade, o presente estudo irá se concentrar, como já foi assinalado, na análise das questões educativas desse instituto) quanto à problematizações que foram desenvolvidas para esse fim. Em seguida, o capítulo apresenta as seguintes abordagens: 1) uma análise envolvendo o contexto no qual o ISEB se insere – trata-se de uma sucinta caracterização da realidade brasileira nos anos 50 e 60; 2) a necessária descrição histórica do Instituto, apoiada no encaminhamento de seus registros jurídicos e na identificação inicial das problematizações trabalhadas; e finalizando 3) a análise, à luz dos referenciais teóricos assumidos, de categorias e conceitos considerados relevantes nas condições de existência do instituto e portanto relevantes para sua compreensão.

O Capítulo 2 é um mergulho nas origens históricas do ISEB; o objetivo deste capítulo foi o de resgatar aspectos da história da instituição, tendo em vista a confirmação e o esclarecimento das questões resultantes da análise elaborada no capítulo anterior. Essas origens históricas se apoiaram nas trajetórias de vida dos isebianos, suas primeiras reuniões, seus interesses iniciais até o encaminhamento do processo de institucionalização do ISEB, órgão vinculado ao MEC. Seja pelos registros relativos às primeiras reuniões do grupo, seja através da análise do primeiro artigo publicado com a devida legitimidade desse grupo (“A Crise Brasileira”, de Hélio Jaguaribe), nos deparamos com as condições materiais concretas que levam esse grupo de intelectuais à construção do projeto ideológico do desenvolvimento, significativa referência do governo JK.

O Capítulo 3 é resultado da revisão bibliográfica elaborada sobre o ISEB, mais especificamente voltada à identificação de trabalhos que, de alguma maneira, tangenciam as dimensões educativas do instituto. Nesse universo, o trabalho que

mais se aproximou dessa abordagem foi o de Vanilda Paiva, “Paulo Freire e o Nacionalismo-Desenvolvimentista”, obra que, a despeito de ter sido pouco divulgada e estudada no campo da educação se constitui um trabalho de referência para qualquer pesquisador interessado no pensamento educacional brasileiro dos anos 50 e 60. A hipótese de trabalho desenvolvida na obra explora a existência de uma significativa influência do pensamento do ISEB no ideário e no método pedagógico de Paulo Freire. Para tanto, Paiva elabora um criterioso mapeamento das principais influências filosóficas presentes tanto no pensamento quanto nas práticas e estratégias de ação adotadas pelo ISEB; enfim, seu trabalho não só retrata as características do pensamento isebiano como também significa-o naquele contexto da realidade brasileira. O desenvolvimento de uma análise sobre esse trabalho me colocou em contato, não só com o significado e o sentido da lógica isebiana como um todo, mas também me possibilitou compreender as origens de suas preocupações educativas e as características envolvidas no que os isebianos denominaram “educação ideológica”.

O Capítulo 4 é um retrato da produção intelectual do ISEB; após o levantamento analítico sobre a obra de Paiva e o entendimento das condições materiais de encaminhamento do grupo, passei a analisar os originais de produções isebianas escolhidas em função de determinada representatividade. Tanto os autores escolhidos para a análise, como suas respectivas obras foram escolhidas tendo em vista a presença de reflexões passíveis de serem trabalhadas, direta e/ou indiretamente, no âmbito do que optei por chamar de “educação ideológica”; autores e obras escolhidas emergiram fundamentalmente das análises feitas anteriormente. Nesse sentido as análises se apoiaram nos seguintes aportes:

- a) “Ideologia e Desenvolvimento Nacional”, 1956 de Álvaro Vieira Pinto;
- b) “A Redução Sociológica”, 1958 de Alberto Guerreiro Ramos;
- c) “Condições Institucionais do Desenvolvimento”, 1958 de Hélio Jaguaribe;
- d) “Formação e Problema da Cultura Brasileira”, 1959 de Roland Corbisier;

O trabalho analítico elaborado sobre essas obras resultou na identificação dos princípios-chaves para se pensar e compreender a preocupação e o pensamento isebiano em relação à educação e conseqüentemente à sua “educação ideológica”, cerne de seu ideário educativo. Complementando o capítulo, foram

analisadas algumas colocações representativas sobre os isebianos da última fase⁵ e uma abordagem específica envolvendo a experiência educativa e pedagógica do Projeto da “História Nova do Brasil”.

Finalizando a investigação, o Capítulo 5 registra de que maneira se deu a materialidade da “educação ideológica” concebida e praticada pelo ISEB; inicialmente, este capítulo trabalha os princípios que, no meu entender, efetivamente marcaram uma (intencionalmente) esquecida influência do ideário isebiano no pensamento educacional brasileiro. Num segundo momento é apresentada uma minuciosa análise de um documento histórico, intitulado “Relatório Sucinto das Atividades do Instituto Superior de Estudos Brasileiros – ISEB, durante o período de janeiro de 1956 a novembro de 1960”, que apresenta varias listagens de dados, envolvendo:

- informações relacionadas com o “Histórico e as Finalidades da Nova Organização”;
- os diferentes tipos de atividades desenvolvidas e realizadas pelo Instituto (conferências, aulas, seminários, teses defendidas) apresentando títulos, autoria e atividade profissional de cada um dos estagiários do Curso Regular, além de informações relacionadas com as apresentações dos professores do ISEB etc.

Através desse Relatório, foi possível o desenvolvimento de um trabalho analítico de confirmação de vários aspectos relacionados com a dimensão educativa do ISEB que já haviam aparecido nas produções intelectuais: a confirmação das influências e construções teóricas assumidas; a confirmação de um investimento na construção de novos entendimentos, novos significados e sentidos da realidade brasileira; enfim, o desenvolvimento concreto de novos conhecimentos sobre o Brasil e sobre suas problemáticas.

Nas Considerações Finais meu objetivo é apresentar o conjunto das sínteses que foram sendo construídas ao longo do trabalho e consolidar alguns aportes novos a serem levados em conta no desenvolvimento de reflexões voltadas à história do pensamento educacional no Brasil.

⁵ Toledo aponta a existência de 3 fases ou 3 momentos distintos que marcaram o ISEB (descritos no Capítulo 4). A 3ª. e última fase, pós crise de 1958-1959, se caracteriza por se constituir num momento em que o ISEB se concentra no apoio e no acompanhamento do movimento político em favor das Reforma de Base: agrária, bancária, universitária, etc.